



RA

JA

DA

**PUBLICAÇÃO
CONTRAINFORMATIVA**

- PARTE UM -

“Os objetivos
extremos estão
sempre servidos de
métodos extremos?

Sangue e liberdade
são grandezas
inseparáveis?

O quão longe você
irá para realizar
seus desejos?

Durmam bem,
revolucionários...”

Paul Z. Simons
Em memória

**AVISO:
OS TEXTOS
A SEGUIR TEM
POR OBJETIVO
A PROPAGAÇÃO
DE IDEIAS
ANTISSOCIAIS**

A publicação *RAJADA* não está alinhada com a visão predominante da sociedade.

Esta publicação reúne algumas palavras dirigidas na contramão do sistema e sobretudo das pessoas que o mantém funcionando.

Na capa, André Soudy, da "*gangue Bonnot*", guillotinado por negar clemência.

PARTE UM

"HOJE POR HOJE"

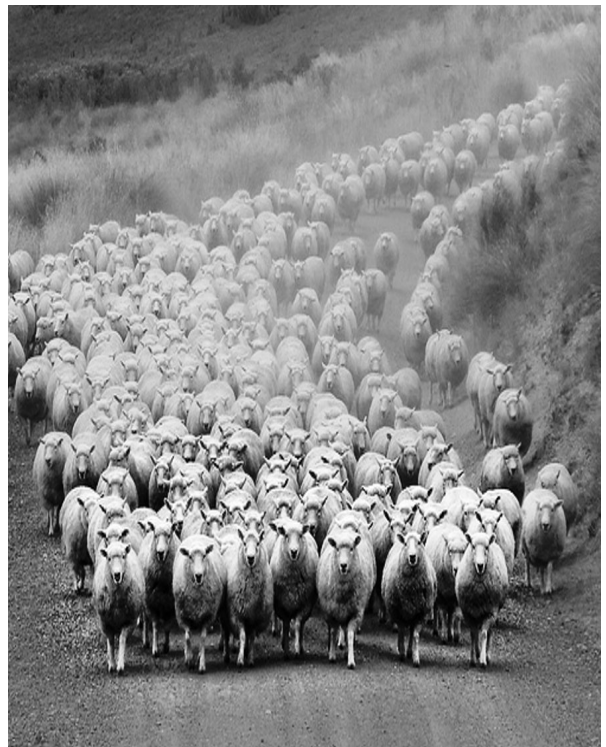
**"ANARQUISMO
INDIVIDUALISTA"**

**"UMA NOTA SOBRE
AUTORIDADE"**

"LIBERDADE E SOLIDÃO"

"ICONOCLASTAS, AVANTE!"

"ANTES DE DORMIR"



"HOJE POR HOJE"

Sebastian Oversluij

*Extraído do
compilado
"El hoy para el hoy"*

*Nós todos sabemos e ninguém
quer admiti-lo,*

A massa não mudou,

não muda nem mudará nada.

Durante muito tempo, livres-pensadores propuseram a revolta da massa como a forma ideal para transformação ou destruição (dependendo da abordagem individuais e coletivas) dessa sociedade. Durante longos processos de fluxo e refluxo das massas, os mais iludidos propuseram um tempo e espaço

para que as massas se revelassem diante da miséria que tiveram que viver, mas a história também é sincera e nos bate repetidas vezes, somos nós, os iludidos que confiam que as massas "abram os olhos" para que possam ver a merda que têm debaixo de seus narizes, mas todo esforço não parece suficiente, não parece importar, dadas as tantas distrações que nossos inimigos nos colocam para desviar nossa atenção das coisas verdadeiramente importantes.

O desenrolar da vida em sociedade implica na submissão a um coletivo. Devemos fazer parte do que a maioria decide por nós e devemos respeitar tal decisão como algo sagrado, porque a democracia quis assim. Devemos nossa submissão e obediência a um "ser social", à formulação da comunidade em busca do bem

comum. É assim que a massa se manifesta, seu modo de conter um sujeito instável, "somos homens sociais" e assim tudo está determinado, tudo está regulado, devemos respeitar a família, a educação, o trabalho e a vida de morte como um bom servo da sociedade.

Mas não, hoje ainda existimos, aqueles que se reconhecem como guerreiros, que valorizam incansavelmente a ousadia de indivíduos dispostos a destruir a realidade diante de seus olhos, aqueles que se reconhecem como um animal danificado pela sociedade, buscando a vingança que curará para sempre o rasgar da carne, dos sentimentos que foram consumidos pelo sociedade dos humanos, pela terrível domesticação.

Buscamos dar passos firmes para a ruptura estrutural do modo social, nos lançamos sem receitas mágicas, nem programas revolucionários, nem um plano formoso de como será o mundo de amanhã, nos lançamos em combate sem sequer ter a certeza da verdade, da razão, sem ser donos da ideologia dominante, que na realidade não nos importa nem um pouco se-lo.

“A realidade é algo tão pessoal quanto o desejo de mudá-la, então acreditar que a massa não tem noção de qual é o "caminho certo" é um erro no qual nós não podemos cair novamente”

“Não há pessoa mais cega que aquela que não quer ver”

Nestes tempos velozes de extensas comunicações, relações globalizadas e superficiais, renomadas e conhecidas facetas do espetáculo, está claro que é fácil se perder da realidade, é muito fácil se esquecer nossa situação, eles nos dão vidas, relacionamentos, sentimentos, sensações, alegrias e tristezas que enchem nossos corações com miséria humana, sem um sentimento real.

Porém é claro que não podemos olhar a nós mesmos nem ninguém como vítimas do poder, somos nós que temos escolhas, podemos ser escravos para sempre ou procurar formas de nos libertar, temos a responsabilidade de escolher como, quando, quem decide ou quais pessoas decidem pelas nossas vidas ou contra quem nos rebelaremos em nome da nossa liberdade. Todos nós participamos da construção deste mundo, nada

nasce, nada se desenrola sozinho se não somos nós que damos forma ao existente. Cada pequeno gesto de submissão, cada demonstração de obediência cega cria e recria a merda do sistema que nós mesmos construímos.

São os passivos, mortos observadores de uma realidade construída sob as lógicas mercantis da democracia, ditadura ou seja lá o que for que represente a dependência das massas à autoridade, é essa atitude passiva, que dão valor ao hoje, ao agora, conhecida desde séculos de submissão.

Nada muda porque na verdade ninguém quer que isso realmente mude.

Os trabalhadores sentem-se conformados com o que podem obter graças ao seu esforço, reconhecem-se como bons trabalhadores e desfrutam de suas criações bastardas que os lembram que este esforço é útil para alguma coisa. Eles justificam sua escravidão proclamando-se proletariado, um trabalhador honesto, sacrificado, cavando seu próprio túmulo e os túmulos das gerações de deserdados que o sucederão.

Os policiais estão muito felizes com seu comportamento autoritário, com seu poder concedido pelos donos da existência, tanto que eles nunca param de trabalhar, em nenhum momento de sua precária existência deixam de ser a autoridade que eles tanto reverenciam. A sociedade justifica a existência da instituição para sua

segurança, para o seu bem-estar, para sua projeção como sociedade carcerária e os cidadãos os protegem, inclusive se convertendo eles mesmos em policiais.

Os exploradores desfrutam, isso é o que eles acreditam, eles desfrutam da merda da vida construída pela sociedade de escravos. Eles estão tão ocupados com seus negócios, seus empregados, que se esquecem do mundo, tudo o mais não existe em sua cabeça, tudo é mercadoria, suas relações são baseadas em produtos, em progresso para eles e toda sua casta.

O cansaço da ganância, o descontrole do dinheiro, a loucura da realidade paranóica, enchem de alegrias superficiais frustrantes seus corações de sentimentos frios. Apenas se dá importância ao raciocínio, a um cálculo

matemático, a amostra evidente da realidade mecanicista.

Os revolucionários (autoproclamados assim) estão muito contentes com sua rebeldia, tanto que afirmam querer uma mudança, disso parecem estar muito certos, mas a realidade é outra. Da palavra à ação há um grande trecho, da ideologia à realidade, um abismo. E o que os revolucionários tem procurado é perpetuar este abismo. Viver em busca de uma revolução guiada pelos ideólogos de um movimento vazio de mobilidade. Os ideólogos de uma rebeldia vazia de insubordinação querem gerar um revolucionário, é claro, porém um que não pense por si mesmo, de tal modo que todos estes revolucionários façam o que a coletividade dita. Os revolucionários devem ser maduros, sérios, doutrinados e

militarmente disciplinados para poderem mudar algo. Estão felizes os donos da revolta, confortáveis, pacíficos como uma rocha, no comandando da revolução dos iluminados. Toda a massa faz parte do projeto revolucionário, porque cada um terá seu benefício caso elogie a nova sociedade e se sacrifique por tal.

Todos, absolutamente todos precisam do oposto para atender sua necessidade de rebelião, de enfrentamento, como o ying e yang, positivo e negativo, sem deus o diabo não existiria e sem exploradores não haveria explorado.

Não existe cego mais cego do que o que não quer ver, pois seguir confiando o que queremos em uma resposta massiva, seria perder a luta sem te-la começado, nos iludirmos com a nossa derrota é

continuar desperdiçando nossas preciosas energias em matéria infértil.

O homem domesticado nunca vai deixar de se-lo, porque ele nunca olhou com atenção seu interior.

Todas as mudanças estão fadados para falhar de antemão, se forem alcançadas ou não, sempre a tecnologia vai passar por cima do animal.

Essas mudanças vêm mal feitas desde sua concepção, o que é lógico, essa realidade é construída há séculos pelos homens, transformadores de matéria, construtores de vidas civilizadas, engessadas, domesticadores de animais. Todas as mudanças da história foram concebidas pelos seres humanos, cegos pela conservação da sua espécie em detrimento do equilíbrio natural da

terra, ensimesmados, só são capazes de satisfazerem a si mesmos, buscam regozijar-se em seu intelecto, sua raça, saúde, educação, sexo e capacidade mental, assim procurando desculpas para continuar se autoproclamando como o mais apto para a revolução, para superação dos "males" que nos afligem.

Eles nunca se atém para, por um momento, olhar aqueles que os rodeiam, para se sentirem a si próprios como parte da terra, eles não sentem aqueles que compõem a terra como um todo e assim continuam com uma concepção de natureza sob o jugo do homem, olhando-na com um toque de paternidade ou maternidade, assumindo-se como protetores dos fracos, da terra, dos animais, das máquinas, da produção, das

árvores, protetor do lixo de mundo que criamos.

Como um ser humano pode se colocar apartado de um todo criador, alheio a todas as formas de compensação como a vida, a existência e a morte frutífera?

Como se separa de um todo inegável? E não há outra resposta mais evidente do que o reconhecer-se como homem, como ser racional distante dos sentimentos. Sim, alguns dizem, somos animais, mas não como todos os animais, nós humanos podemos raciocinar e isso é algo de que nós tiramos proveito. Que merda mais podre e sufocante reconhecer a si mesmo como alguém superior ou capaz de controlar. Que maneira mais putrefata de subsistir, despojando-se de uma selva de possibilidades, de um mar de sensações, de uma

existência estrelada num círculo de vida e morte com o todo, com o nada, com aquilo que torna possível o hoje e o agora.

Como (e eu pergunto mais de uma vez) o cimento, o comércio, os circuitos, os cartões, o plástico encheram a existência de forma a fazê-la parecer natural dessa forma?

Como uma pílula, uma loção ou um creme se tornaram uma corrente que ata a nossa mente ao superficial, a uma vida rápida?

Como a tecnologia "libertadora" se tornou a corrente que ata nossas mentes ao superficial, a uma vida rápida, como uma pílula, uma loção ou um creme passou a ser o rosto da repugnante sociedade mercantil?

Tudo foi, é e será pior do que já conhecemos, nenhuma mudança real virá dos homens, nenhuma revolução em nossas vidas partirá das massas, tudo é como deus (homem) manda. As eternas produções em série continuam, continuaram e continuarão em doutrinação, brutalização e domesticação de nós mesmos e somente nós mesmos somos os culpados e podemos fazer algo. E esse algo não há de ser próprio do homem, com suas leis, com sua moral, com seu modo de entender o mundo.

ANARQUISMO INDIVIDUALISTA

S.E. Parker

*“Anarquismo
Individualista:
um esboço”
(1965)*

“Individualismo” é uma das palavras como “anarquismo” e “egoísmo” que tem sido abusadas com desconhecimento e intento ao mesmo tempo. Para muitas pessoas radicais, a palavra serve de sinônimo para o “cada um por si” da selva capitalista, e alguns defensores do capitalismo tentaram usá-la para justificar a exploração econômica e o monopólio. Contudo, um pouco de pensamento inteligente sobre a natureza da sociedade capitalista, com seu sempre presente “homem patrão” e “homem de massas”, seria o suficiente para dismantelar essa ideia. O que há de individual no exército de cidadãos marchando para dentro e para fora de seus escritórios ao mesmo tempo durante cinco dias por semana e preenchendo as gaiolas dos seus hábitos convencionais durante o período de folga? E o quão individual são as hordas de

trabalhadores industriais de pé atrás das máquinas supremas, repetindo os mesmos rituais servis ao longo de sua vida? Perguntar tais questões significa respondê-las.

INDIVIDUALISTAS

Anarquistas individualistas não querem ser mais um na estatística de milhões de cidadãos obedientes. Essas pessoas se livraram dos rebanhos e sua anarquia passou a existir na sua força para se afirmarem. Elas separaram seu anarquismo de todos os mitos democráticos e socialistas. Vá para o inferno com “o povo quer isso” ou “os trabalhadores querem aquilo”! Vamos viver nossas próprias vidas, seguir nossos próprios interesses, e ser nós mesmos. Uma individualista seguirá seu próprio rumo, mesmo que essa pessoa tenha que seguir

sozinha. Afinal, essa pessoa não teria um tanto de individualidade se a mesma não agisse desse modo.

GOVERNO

Porém, se um indivíduo vive em função de si próprio, então o que o impede de mandar nas demais pessoas? Duas coisas, pelo menos.

Primeiramente, se essas demais pessoas forem tão obstinadas quanto este indivíduo é, então elas se oporiam à vontade deste e assim frustrariam seus esforços. Secundariamente, e mais importante, individualistas sabem que autoridade é uma relação entre uma pessoa que governa e outra pessoa governada que interliga ambas e destrói a independência de cada uma. Como bem colocou Max Stirner:

“Aquela pessoa que, para se garantir, precisa se valer da ausência de vontade nas demais pessoas, é algo feito de tais pessoas, como o mestre é feito dos servos. Se a submissão cessasse, estaria tudo acabado para o senhorio.”

Anarquistas individualistas não consideram o governo como sendo simplesmente o produto de uma conspiração por parte de uma perversa minoria para oprimir a inocente maioria. A maioria não seria governada se ela não quisesse ser governada, se ela fosse capaz de se auto-governar. Mandantes e mandados são duas faces de uma mesma moeda cuja circulação é rejeitada por individualistas. Seu caminho se traça longe de ambos.

COOPERAÇÃO

Individualistas rejeitam todo tipo de cooperação entre as pessoas? Individualistas concordam que *a pessoa mais forte é aquela que se mantém de pé sozinha*, mas enxergam valor na cooperação quando para satisfazer algumas das suas necessidades. Não há nada de contraditório nisto, uma vez que apenas a pessoa suficientemente forte para se manter de pé sozinha é capaz de formar uma associação genuinamente livre com outras. Porém essa associação não é um fim em si mesma – isto só dura enquanto as pessoas nela envolvidas a consideram útil. Não se trata de algo sagrado diante do qual seus membros possuam alguma devoção. É apenas uma criação à serviço de cada pessoa envolvida, nada mais.

ECONOMIA

Em economia, a pessoa individualista não acredita no coletivismo, seja socialista, sindicalista ou comunista. Para ela, a posse individual dos meios de produção é o caminho para garantir um bem, ou seu equivalente, para quem produz. Nesse quesito, como em todos, contudo, individualistas são acima de tudo pluralistas e consideram qualquer sistema, não importa qual seja seu nome, que o vincule a qualquer relação econômica alheia e o negue as escolhas de alternativas, como sendo autoritário. A diferença entre a concepção individualista e coletivista de economia reside no fato de que a primeira deixaria cada indivíduo livre para prover para si aquilo que necessita, enquanto que a segunda faria da sociedade administradora e

provedora dos meios de sobrevivência. Qualquer sistema que faz do indivíduo alguém dependente da boa ou má vontade das demais pessoas é repugnante para alguém individualista. Pouco importa para esse alguém se os meios de produção estão sob controle de uma porção de monopolistas privatizantes, do Estado, de uma federação de sindicalistas, ou até mesmo de uma comuna, se esse alguém não possui sua independência ou liberdade de escolha.

REVOLUÇÃO

No entanto, especulações sobre o futuro têm apenas um viés acadêmico. Anarquistas individualistas não pretendem esperar pela “revolução que chegará”. É o dia de hoje que importa, não um futuro hipotético. A individualista aceita companhia

de qualquer pessoa que esteja na mesma caminhada que a sua, porém não precisa de ninguém para começá-la. Os cristãos espiam a vontade de seu Deus, os marxistas e sindicalistas espiam a vontade do proletariado, porém o individualista espia sua própria vontade sem depender de nada além de si mesmo.

Conseqüentemente, essa pessoa não acredita na “dialética da história”, “o triunfo inevitável da luta de classes”, “a soberania das leis”, tampouco nenhum outro coletivo, grupo ou força sobrenatural como sendo os meios de sua libertação. Auto libertação e a única forma de libertação que importa. Individualistas não têm tempo para narcóticos milenares como solução para a miséria e opressões do presente.

"UMA NOTA SOBRE AUTORIDADE"

Enzo Martucci

*“Não ao rebanho”
(1925)*

A liberdade de um indivíduo termina onde seu poder termina.

Se eu quiser, e se meu poder permitir, eu posso mandar nas outras pessoas.

Porém, neste caso, o poder exercido sobre essas pessoas não é autoridade, porque elas não são obrigadas a reconhecê-lo e respeitá-lo. Na verdade, se elas se rebelassem e usassem seu poder para impedir a minha tentativa de dominação então todas essas

peças permaneciam livres sem ninguém ameaçando governá-las (Anarquia).

Se, ao contrário, por docilidade ou covardia, essas pessoas não se rebelaram e se permitiram ser dominadas, então haveria o triunfo do melhor no sentido biológico da palavra (Aristocracia natural)

Autoridade é um poder que oprime em nome do Sagrado (Deus, moral, sociedade etc) que finge representar. É um poder ao qual todas as pessoas devem louvar e servir mesmo que possuam energia e capacidade para derrubá-lo.

Para destruir a autoridade, a pessoa deve subverter o sagrado – cometer o crime ao qual se refere Stirner. Apenas desta forma nós seremos anarquistas.

"LIBERDADE E SOLIDÃO"

Marilisa Fiorina

"O diverso #1"
(1978)

"Anarquia é a negação da autoridade de qualquer ordem, é afeto e solidão"

– L. Ferre

Estar sozinha, livre do jugo da vida coletiva. Este é o sistema mais lógico para ser verdadeiramente livre – livre das convenções, da dependência e da extorsão dos outros. É a solidão por si só que faz um indivíduo verdadeiramente livre.

Cada dia nós somos vítimas da hipocrisia, continuamente recitando as regras da etiqueta burguesa: "obrigado... com

licença... me desculpe...”. Os outros fingem, julgam, criticam. **Os outros** decidem por nós, **os outros** vivem das nossas fraquezas, **os outros** nos passam a perna, **os outros** nos tiram a vez, **os outros**, sempre **os outros**, usurpam nossas vidas.

São eles quem nos ama, nos odeia, nos trai, nos tira nossos pensamentos, palavras, **vida**. Seria lógico abandona-los todos, escapar mental e fisicamente para uma ilha própria de solidão, de forma auto suficiente e corajosa. Corajosa? Corajosa porque é difícil, porque somos incapazes de viver realmente a sós, porque sentimos a necessidade de contato com os outros em função de expressar nossos sentimentos, de nos realizarmos enquanto pessoa, mesmo para exprimir nossas ações.

É difícil para um indivíduo, fraco, mesmo psicologicamente inseguro, seguir sem amizades, amor e solidariedade. Daí então, certamente, a vida na solidão aparentaria monótona porque, como sempre, nossas emoções, nossas aventuras, emergem dos outros, evoluem entre os demais.

Existe um outro tipo de solidão, talvez melhor compreendido, mais naturalmente respeitado, que aquela do hermitão. Acontece quando você não sente mais pertencimento aos outros, quando você não mais participa de seu modo de vida, assim forjando um mundo apartado do deles no qual eles não fazem parte, do qual eles são excluídos. É quando você não aceita mais o amor, a benevolência, a hipocrisia deles – daí sua solidão se transforma em **liberdade, rebelião**, uma

resistência declarada contra a **sociedade.**

Anarquistas individualistas são pessoas solitárias, suas vidas estão distantes das regras impostas pelos outros. Essas pessoas escolhem outras individualidades com quem sentem prazer de ter por perto, de ouvir. Quanto aos demais, anarquistas individualistas consideram os outros como não-existentes, ou como inimigos. Individualistas vivem além dos muros da sociedade. Essa é a realização do nosso livre pensamento.

"ICONOCLASTAS, AVANTE!"

Renzo Novatore

(1920)

História, materialismo, monismo, positivismo e todos os 'ismos' desse mundo são ferramentas velhas e enferrujadas que já não preciso ou com as quais eu não me preocupo mais. Meu princípio é a vida, meu fim é a morte. Gostaria de viver a minha vida intensamente para poder abraçar minha morte tragicamente.

Você está esperando pela revolução? A minha começou muito tempo atrás! Quando você estará preparado? (Meu Deus, que espera sem fim!) Não me importo em acompanhá-lo por um tempo. Mas quando você parar, eu prosseguirei em meu caminho insano e triunfal em direção à grande e sublime conquista do nada!

Qualquer sociedade que você construir terá seus limites. E para além dos limites de qualquer

sociedade os desregrados e heróicos vagabundos vagarão, com seus pensamentos selvagens e virgens – aqueles que não podem viver sem constantemente planejar novas e terríveis rebeliões! Quero estar entre eles!

E atrás de mim, como à minha frente, estarão aqueles dizendo a seus companheiros: ‘Voltem-se a si mesmos em vez de aos seus deuses e ídolos. Descubra o que existe em vocês; traga-o à luz; mostrem-se!’

Porque toda pessoa que, procurando por sua própria interioridade, descobre o que estava misteriosamente escondido dentro de si, é uma sombra eclipsando qualquer forma de sociedade que possa existir sob o sol!

Todas as sociedades tremem quando a desdenhosa aristocracia dos vagabundos, dos inacessíveis,

dos únicos, dos que governam sobre o ideal, e dos conquistadores do nada, avança resolutamente.

Iconoclastas, avante!

“O céu em pressentimento já torna-se escuro e silencioso!”

ANTES DE DORMIR

Mauricio Morales

Antes de dormir, reflito sobre a modernidade e não me acostumei ao cheiro artificial ou ao plástico que envolve a água, nem às máquinas ou aos capacetes militares, nem às gravatas e seus trajes.

Minhas mãos não se acostumam com a conexão artificial em universos virtuais.

Vidas conectadas em redes sem fio, meus olhos procuram a multidão dos cadáveres, o fogo eterno da rebelião e apenas em olhares isolados emerge o indivíduo consciente com olhos de punhal que resiste a morrer no cemitério democrático.

Antes de dormir eu abraço o caos como uma idéia que libera meu corpo e minha mente porque por fim me faz sentir vivo.

Eu não quero a busca pelo Graal que emana a liberdade nas sociedades futuras. Meus dedos buscam o vôo sangrento da destruição, das correntes de fogo rítmico, do incêndio perto do poder e seus amos.

E minhas ações, ao dormir, se encaminham em que amanhã, quando eu acordar, romperei com a rotina e em ação individual, com o peito como pedra estufado, pela destruição desta e de qualquer sociedade.

Faz-me um favor: procure viver a anarquia.



material para livre difusão